

ESTRANGEIRIDADES EM TERRAS CONHECIDAS

Luíza Nunes Silva Fonseca¹

Sobre a viagem e a geografia



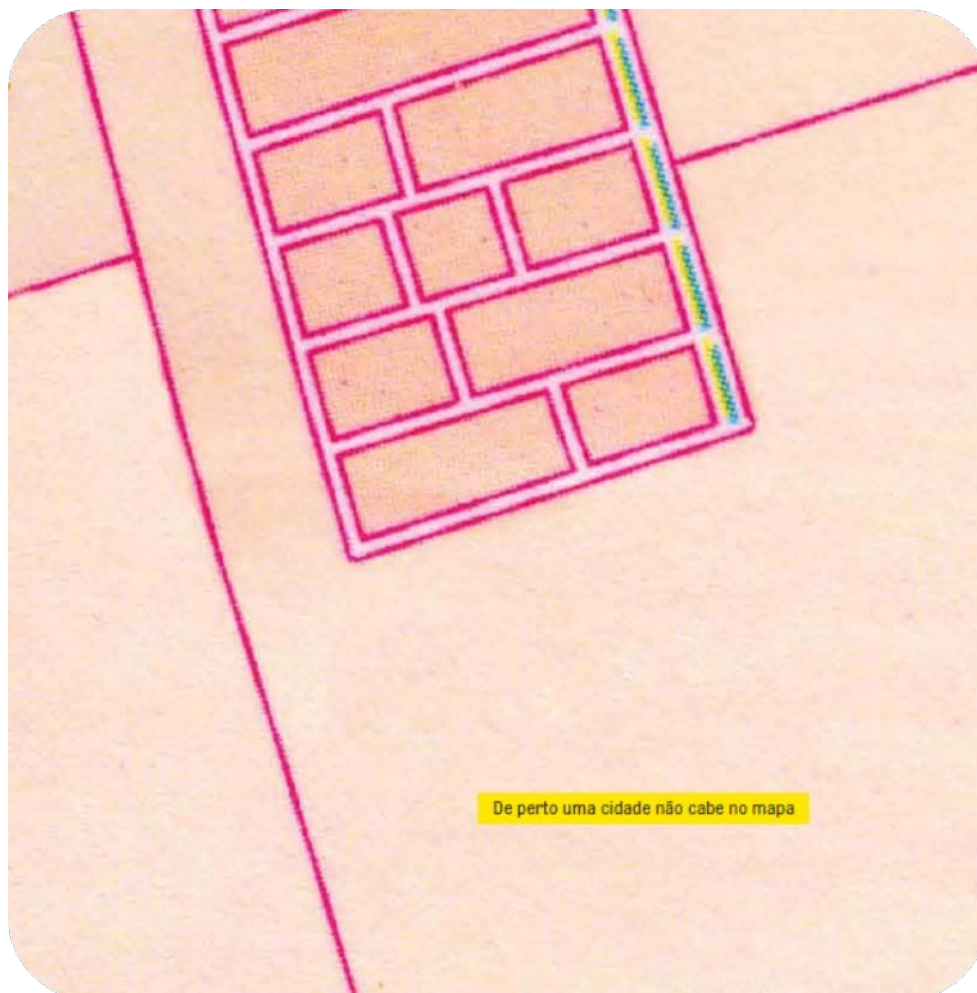
Proponho uma experiência. Uma experiência de viagem e de geografia. Até que ponto a geografia se relaciona com a viagem? O que essas duas coisas têm em comum? Não me refiro aqui ao simples fato de viajar para tirar provas reais sobre um lugar (ou alguma coisa) tal qual foi imaginada antes da partida, falo de estar presente em algum lugar e ver demoradamente o que está a nossa frente, afinal fugir de nossas expectativas ou distanciarmos de nós mesmo durante a viagem é essencial para que se possa pensar e produzir outro conhecimento sobre os lugares e sobre nós. Demorar-se! Sim! Esta é a questão para poder extrair dos lugares visitados uma paisagem não mostrada nos cartões postais. Querer mais de uma viagem, querer experimentá-la em qualquer lugar mesmo que seja no mesmo lugar.

A ideia de buscar relações entre viagens e geografia surgiu a partir de uma proposta durante a disciplina Estágio Supervisionado em Geografia, e coube a cada um da turma elaborar uma aula sobre algo que se goste muito e que está para além do curso de Geografia. Mais ou menos assim: *o que você mais gosta de fazer?* Pergunta um tanto difícil de

¹ Acadêmica da 7ª fase de curso do curso de Geografia/Faed/Udesc, membro da Rede Nacional de pesquisas em Geografias, Imagens e Educação, Polo Santa Catarina, articulado ao grupo Geografias de Experiência vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia/Lepegeo/Faed/Udesc. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), subárea Geografia, sob a orientação da Prof.^a Dra. Ana Maria H. Preve. luizansf@gmail.com

responder, pois são muitas coisas. Logo me vi em viagens. É disso que gosto muito. Pensando nas possíveis formas de viajar, procurei estabelecer conexões entre o deslocamento, ação pela qual a viagem é dada, o espaço geográfico e possíveis práticas pedagógicas capazes de gerar um estranhamento que desloque nossos pensamentos de forma tão intensa quanto o fazem as viagens feitas ‘com os pés’. O geógrafo e o viajante se encontram quando se deslocam: observando, compreendendo, pensando, fugindo para outro lugar.

Para os estranhamentos tenho usado como estratégia as intervenções urbanas.



Deslocar-se para conhecer, para aprender, para compreender. O deslocamento – territorial ou mental – nos põe em movimento, em estado de pensamento ou mesmo num estado de caos, quando não se conhece, não se entende, não se encontra. Num estado de estar perdido e assim poder começar a viagem.

Você já viajou hoje? O que é viajar pra você?

As intensidades se distribuem no espaço ou em outros sistemas que não precisam ser espaços externos.
G. Deleuze. O Abecedário de Gilles Deleuze²

A viagem não está limitada apenas no campo territorial, espacial-concreto. A viagem também está presente em nossos pensamentos, em nossos deslocamentos, por menores que

² www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-degilles-Deleuze

eles sejam. Então, a partir daqui é possível levantar um questionamento sobre qual seria o real sentido da viagem ou o que buscamos ao partir para uma.

Não apresento uma resposta para isso, porque só encontraremos os caminhos para ela em nós mesmos. E cada um terá suas respostas. Mas a viagem nos proporciona sentimentos, e eles são inúmeros. A viagem também é uma forma de expandir nosso olho, nossos pensamentos, sentidos e sentimentos. Pergunto-me se essas mesmas sensações também não se fazem presentes enquanto estamos parados, sonhando acordados, lendo um livro, conversando com alguém, ouvindo uma música ou assistindo a um filme. Ou então andando pelas ruas rumo a nossos destinos, ou simplesmente imóveis, em algum lugar. Essas expansões que as viagens nos provocam, não são as mesmas que vivenciamos ao logo de nossas vidas, nas mais diversas situações? Pergunto: nossos deslocamentos através das imagens, das músicas, das leituras ou dos filmes também nos transportam para outros territórios, apontando estrangeirismos dentro do conhecido, provocando em nosso corpo as mesmas sensações de uma viagem no espaço-concreto?

A viagem com sentido de deslocamento do pensamento tem tudo a ver com a geografia. Quando estamos em contato com algum lugar e o percorremos, o nosso corpo já habilita um campo geográfico, ele produz caminhos, destinos, metas, faz um mapeamento do lugar onde estamos (quando já se compreende o lugar), identifica cores, sons, cheiros, formas, temperaturas e é como se ele orientasse geograficamente esses nossos deslocamentos.

Rumo à viagem!

Para a realização de meu trabalho com a turma de alunos da escola onde desenvolvo o estágio apropriei-me do trabalho e das imagens do grupo Poro, apropriei-me também da noção intervenção no espaço urbano³. O Poro é um grupo formado por uma dupla de artistas que atua desde 2002 com intervenções urbanas e ações efêmeras, apontando sutilezas nos espaços urbanos, criando para isso imagens poéticas e trazendo à tona aspectos da cidade que se tornaram invisíveis no dia a dia. Com as produções do grupo, proponho deslocamentos mentais e territoriais capazes de apontar essas estrangeiridades em terras conhecidas, algum estranhamento para nos retirar das obviedades cotidianas, nos fazendo experimentar a cidade muito mais que saber coisas a respeito dela. Assim como numa viagem a uma terra estrangeira.

A primeira experiência aconteceu com uma turma do segundo ano do Ensino Médio na E. E. B. Simão José Hess, em Florianópolis (SC). Selecionei imagens retratando algumas intervenções feitas na cidade e imagens contendo apenas algum tipo de intervenção⁴ e em seguida distribuí para a turma afim de que pudessem olhá-las. Propus realizarmos um deslocamento observando tais imagens, buscando perceber suas possíveis razões, seus porquês. O objetivo era fazer com que os alunos captassem as mensagens contidas nas intervenções e que, às vezes, não são tão explícitas, em cada uma daquelas artes que se espalhavam pela sala de aula. Queria saber até que ponto aquilo que eles observavam se relacionava com os lugares, as ruas, as calçadas nas quais eles transitam todos os dias. Queria, obviamente, sensibilizar o olhar, produzir um outro olhar para qualquer lugar.

Não pisei naquela sala de aula acreditando que todos fossem gostar ou entender o que eu pretendia fazer. Pisei nela com uma proposta de atividade, querendo sacudir aqueles alunos para despertarem e observarem outras coisas, se deslocarem mentalmente por outros caminhos. Muito mais do que dar uma aula de geografia 'pura', naquele momento eu queria aproximá-los de algo de que eu gosto e que penso ser uma importante forma de aprendizagem no mundo em que vivemos, de expressão entre nós, e os muros, postes e ruas das cidades seriam como substratos para esse dizer diferente dos espaços.

³ Para saber mais consultar *site* do grupo Poro: intervenções urbanas e ações efêmeras em disponível em: <<http://www.poro.redezero.org>>

⁴ Grande parte das imagens foram extraídas do *site* do grupo Poro.

O encontro com os alunos naquela aula superou minhas expectativas. Agora penso: de certa forma criei alguma expectativa antes de embarcar nessa aula..., como costumamos fazer antes de partir para uma viagem. E como quase sempre acontece, para o viajante, a superação das expectativas e a aproximação de um lugar com o qual você não tinha tido contato antes, um lugar que você não conhecia, traz a surpresa, a emoção, o encantamento ou mesmo a frustração.

Quando pisei em sala, senti certo afastamento dos alunos para comigo. Decidi testar mudar a disposição das carteiras na sala. Enfileirados, eles me olhavam um pouco assustados, com cautela, quase que prontos para receber ordens. Alterando a disposição das carteiras (para um grande círculo), os campos de visão e de toque ampliavam-se, uns olhavam os outros, se tocavam, interagiam. O olhar sobre mim mudara. Não digo que houve cem por cento de participação durante a oficina, mas houve um número considerável de participantes interessados. Quis deixá-los livres, à vontade para explorarem as imagens, pensar e estabelecer trocas com seus colegas.

Pensamentos com as imagens

Calma

Mais tempo!

Aproximação

Contato.

Criar um campo de desaceleração para experimentarmos as coisas, os lugares, e para nos experimentarmos. Estabelecer elos, pontes, contatos nada didáticos com os conceitos e, principalmente, com as ações. Sinto que ainda não criei espaço suficiente para abrir a cortina e expor a geografia no palco, como cenário de tudo isso. Mas considerando *Pensamentos com as imagens, Calma, Mais tempo! Aproximação; Contato*, sei que logo mais, porque isso demora, a turma estará pronta e eu também para esta viagem. Ainda assim, foi possível colher alguns frutos daqueles que já se sentiram seguros para falar algo sobre intervenção, algo sobre geografia e o espaço urbano, e que conseguiram deslocar seus pensamentos através das imagens apresentadas em sala. A fala de uma aluna me auxilia nisso: “*Isso que você está trazendo são jeitos que as pessoas encontram pra se expressar, expressar suas ideias, o que acham ou querem*”.



E a viagem continua...

A segunda experiência aconteceu com uma turma do terceiro ano do Ensino Médio na mesma escola. A proposta da oficina também era a mesma, mas a resposta dessa turma foi bastante diferente da outra. Como eu havia obtido um resultado mais ou menos legal quando alterei a disposição das carteiras em sala, repeti a mesma ação com essa turma, porém, o efeito não foi o mesmo. Ao contrário da outra, esta turma é pequena, com cerca de quinze alunos. A grande maioria permaneceu calada durante todo o período da oficina, alguns poucos se manifestaram durante uma conversa e outra, porém sempre partindo de um esforço meu em tentar trazê-los para a conversa, para olhar as imagens.

Essa apatia da turma dificultou o desenvolvimento da oficina para explorar as imagens, conversar sobre elas, ouvir e expor ideias, sentimentos. Era como se eles se encontrassem anestesiados diante do mundo, como se o deslocamento não acontecesse de nenhuma maneira, como se permanecessem parados não só fisicamente, mas também mentalmente. Muito estranho! Como se não ficassem surpresos ou tocados com nada. Mas nessa turma, ainda assim, uma aluna respondeu de forma diferente dos outros. Entre as imagens que selecionei para trabalhar na oficina, uma delas era uma fotografia de um *band-aid* gigante fazendo um curativo entre dois pedaços de uma calçada que foram separados por uma grande rachadura. Essa imagem chamou bastante a atenção da aluna, que disse: “*uma forma de chamar a atenção para as ruas da cidade que possuem buracos, rachaduras nas calçadas*”. Nesse momento fiquei um pouco mais aliviada ao ver que alguém ali estava acordado, pensando, observando atentamente e que, de certa forma, estava identificando um determinado espaço, observando aquela imagem.

Buscando estabelecer uma troca de ideias, partindo das intervenções urbanas para fazer uma leitura do espaço urbano – aquele que é o cenário de todas essas manifestações –, procurei apresentar relações entre as imagens e as cidades, o urbano, os espaços vazios nas cidades, e o que as intervenções trazem para as ruas, para estes espaços. Mais uma vez, a participação foi mínima, e encontrei muita dificuldade para conseguir extrair da turma alguma palavra, qualquer fala. É complicado identificar as causas desse estado de anestesia dos alunos. Do desinteresse, do cansaço, da vontade de não estar ali, mesmo propondo uma aula diferente daquelas longas horas de conteúdo distante deles, saídos de livros didáticos. Os momentos em que eles demonstram alguma ação, qualquer que seja, são raros..., mas não é desistindo que iremos encontrar soluções. Eles estão no meio da escola como nós, professores; local difícil nos dias atuais, portanto estar aí é estar apressado no mundo, quase como um turista em busca dos pontos turísticos numa viagem e só. Em busca de notas, números, provas, término do ano..., essa não é lógica deles, mas a que a escola atual imprimi em nós. O proponente de qualquer trabalho diferente em educação não pode se esquecer do local onde está se dando esta viagem. Não pode mesmo!

Sobre estrangeiridades em terras conhecidas



Sobre estrangeiridades em terras conhecidas: causar estranhamentos, provocações, extrair algum tipo de sensação sobre um lugar. Vive-lo, observá-lo, experimentá-lo de uma outra forma, buscar detalhes, ocupar espaços de outros modos. O deslocamento atento é capaz de nos apontar outros espaços antes não conhecidos, é capaz de nos transformar em verdadeiros viajantes, sem sair do lugar. Imagina então quando resolvermos sair...



*Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua é a parte principal da cidade.*

Paulo Leminski. *Toda poesia*



Como diz Deleuze, “a viagem [é] a transversal da multiplicidade dos lugares”. Assim, algo em nós precisa se mover para que essa transversal seja traçada. Talvez esse movimento seja mínimo, mas é com o mínimo, o quase insignificante ou imperceptível, que uma viagem começa...

Referências

LEMINSKI, Paulo. **Toda a poesia**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.